

Marcadores Conversacionais: Um Estudo Sobre Suas Funções Em Um Diálogo

CONVERSATIONAL MARKERS: A STUDY OF THEIR FUNCTIONS IN A DIALOGUE

Dayse de Souza **LOURENÇO**¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo verificar os elementos conhecidos na Análise da Conversação como Marcadores Conversacionais, presentes em um excerto extraído do projeto NURC - Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta – e as funções exercidas por estes dentro de um diálogo. Com base em Marchuschi (1989) e Urbano (1995), apresentamos a classificação e funções dos Marcadores Conversacionais.

Palavras-chave: NURC. Marcadores conversacionais. Diálogo.

Abstract: This study aims to determine the elements denominated in Conversation Analysis as Conversational Markers, in an extracted excerpt NURC Project - Project Study of Coordinated Urban Standard Cultured Language - and the roles exercised by them in a dialogue. Based on Marchuschi (1989) and Urban (1995), we present the classification and functions of Conversational Markers.

Keywords: NURC. Conversational markers. Dialogue.

Introdução

Estudar a conversação, isto é, a língua em uso, é um viés indispensável aos estudos linguísticos, uma vez que essa modalidade é a prática social mais comum do dia a dia do ser humano, independente do seu nível sociocultural. Assim, realizamos estudos a respeito da conceituação e caracterização da língua falada, bem como suas propriedades e particularidades.

Um recurso constantemente presente nos discursos é o uso dos marcadores conversacionais, o enfoque deste trabalho. Objetivamos, assim, observar as funções preenchidas pelos marcadores conversacionais dentro de um diálogo.

A fim de ilustrar o uso e a funcionalidade dos marcadores, utilizamos como *corpus* um excerto extraído do projeto NURC – Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Endereço eletrônico: Dayse.lourenco1990@gmail.com.

Linguística Culta² – no qual observamos alguns marcadores segundo a função conversacional e de que forma eles atuam no discurso.

A Língua Falada

A língua falada (doravante LF) é uma atividade comunicativa e dela participam dois ou mais interlocutores que partilham o mesmo espaço e tempo, alternando-se entre si no desenvolver de assuntos diversos. Nessa modalidade da língua, os assuntos ou temas abordados no processo interativo são os denominados tópicos discursivos que, por sua vez, se organizam em turnos conversacionais.

Há, pois, duas modalidades de interação: o diálogo assimétrico e o diálogo simétrico – ou espontâneo (CASTILHO, 1998, p. 14). No primeiro caso, um interlocutor tem predominância diante do outro, esta é uma situação típica de entrevista ou diálogos em ambientes institucionais. No segundo, os falantes possuem as mesmas condições dentro do discurso. Para este estudo, selecionamos um diálogo de caráter simétrico.

Sabemos que a linguagem humana tem caráter dialógico e que a língua falada, especificamente, mantém seus usuários em presença. Assim, uma característica própria da LF é a riqueza em descontinuações, uma vez que o interlocutor preenche, a todo instante, os vazios.

Essa modalidade da língua permite, assim, a concomitância das duas fases da realização: o planejamento, pré-verbal e a realização, fase verbal. Ou seja, na língua falada, o planejamento é realizado localmente, ao passo que a escrita se processa lentamente com possibilidade de revisões e correções.

Por ser simultâneo ao momento da execução, são notáveis na LF os processos de sua construção, bem como reorganização de discurso, sobreposições de fala, marcas de monitoramento e outros (CAMPOS, 1989). Assim, verificamos que o frequente emprego de recursos prosódicos como as paráfrases lexicais e os marcadores conversacionais (doravante MCs) os quais, conforme Castilho (1998, p. 19), são denunciadores da simultaneidade do planejamento e execução.

Na próxima seção, apresentamos maior detalhamento desses importantes recursos, não somente na construção textual, como também no processo interativo.

² Projeto para o qual linguistas levantaram uma imensa quantidade de dados falados em cidades como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. São entrevistas realizadas com adultos de formação universitária.

Marcadores Conversacionais

São elementos que se prestam à demarcação do diálogo, à ligação entre unidades comunicativas. Os MCs servem como elo entre as unidades comunicativas, ou seja, “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal” (URBANO, 1995, p. 86), podendo aparecer em diferentes situações, tais como: na troca de falantes, mudança de tópico, em falhas de construção, etc.

São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, e a produção, representa de interacional e pragmático. (URBANO, 1995, p. 85-86).

Os MCs mantêm o turno, preenchem silêncios, monitoram o ouvinte, marcam unidades temáticas, indicam início e fim de asserções, dúvidas, antecipam o que será dito, corrigem ou excluem posições anteriores, reorganizam a fala e orientam o discurso.

Podem partir do ouvinte orientando o falante, monitorando-o quanto à recepção e possível concordância. Os requisitos de apoio discursivo são caracterizados por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, nos planos:

- 1) interpessoal, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (MACEDO; SILVA, 1996);
- 2) interpessoal e textual, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GORSKI et al., 2003);
- 3) rítmico, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

São independentes do verbo e atuam no monitoramento da conversação e organização do texto. Operando, segundo ressalta Marcuschi (1986, p. 61), como inicializadores – de turno ou unidade comunicativa – ou finalizadores – das mesmas. São recursos prosódicos como pausas, alongamento, articulação enfática, itens lexicais e pré-lexicais (CASTILHO, 1998, p. 46).

Para Marcuschi (1986, p. 61), os MCs podem ser divididos em: verbais; não-verbais; supra-segmentais. Enquanto isso, Castilho (1998, p. 47) os classifica em: prosódicos, não-lexicais e lexicais.

Os recursos verbais são palavras ou expressões “altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência” (MARCUSCHI, 1986, p. 62). Não agregam, necessariamente, com informações e algumas sequer são lexicalizadas, como “mm”, “ahã” e outros. Os recursos não-verbais – ou paralinguísticos – como o olhar, riso, gesticulação e outros têm papel indispensável no processo comunicativo de presença. Os recursos supra-segmentais – ou prosódicos para Castilho (1998, p. 47) –, como, por exemplo, as pausas e o tom de voz, são linguísticos, mesmo que não verbais. Castilho (1998, p. 47) elenca, ainda, os MCs não-lexicais, como “ah”, “ih”, “hm” e os MCs lexicais, para os quais há classes gramaticais específicas, mas, é necessário considerar algumas propriedades semânticas. Dentro destes, Urbano (1995, p. 87) subdivide em elementos simples, compostos e oracionais.

Marcuschi usa a classificação de Rath (RATH, 1979, apud MARCUSCHI, 1986) a respeito das pausas. Há pausas sintáticas e não-sintáticas. As sintáticas podem ser: (i) de ligação, atuando na construção interna da unidade sem, necessariamente, iniciar nova, vindo em lugar de conectores; (ii) de separação, delimitando ou separando as unidades comunicativas. As não-sintáticas se dividem em: (i) de hesitação, as quais podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não, com motivação cognitiva; (ii) de ênfase, com efeito de sinalizador de pensamento, reforçando e/ou chamando a atenção.

Os sinais verbais, para Marcuschi (1986, p. 66), podem ser divididos em dois grupos, conforme sua fonte de produção, sendo (i) sinais do falante e (ii) sinais do ouvinte. Da mesma forma, segundo as funções específicas, cada qual pode ter: (i) funções conversacionais e (ii) funções sintáticas.

Segundo as funções conversacionais, o primeiro grupo – sinais produzidos pelo falante – atua na sustentação do turno, preenchimento de pausas, tempo à organização do pensamento, monitoramento do ouvinte, aviso e antecipação do que será dito, eliminação de posições anteriores, correção e outros. Enquanto os (ii) sinais produzidos pelo ouvinte remetem à concordância, discordância, reformulação, exploração adicional do tópico, etc. (MARCUSCHI, 1986, p. 71).

Quanto às funções sintáticas, esses pontos podem ser responsáveis “tanto pela interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas linguísticas” (MARCUSCHI, 1986, p. 72). No que diz respeito às posições, os sinais do falante podem estar no início, meio ou fim do

turno, enquanto os do ouvinte estão, normalmente, em posição de discordância ou concordância com o tópico.

São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar. (URBANO, 1995, p. 100).

No que diz respeito à classe gramatical que assume papel de MCs, Marcuschi (1989, p. 290) afirma que estes não se constituem numa classe própria, ou seja, qualquer classe pode assumir este papel, uma vez que o sentido primário do termo é modificado, sendo-lhe atribuído um sentido interacional ou, até mesmo, de organização textual. Conforme atesta o autor, “não é pela classe gramatical que identificamos o MCs, mas pela função que aquela forma tem na interação” (MARCUSCHI, 1989, p. 290).

Com a finalidade de sistematizar as formas dos MCs em classes, Marcuschi (1989) apresenta a seguinte classificação:

- 1) Marcadores simples – formados por apenas uma palavra.
- 2) Marcadores compostos – aqueles que possuem caráter sintagmático.
- 3) Marcadores oracionais – se realizam em pequenas orações, podendo se apresentar em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais.
- 4) Marcadores prosódicos – realizados com recursos prosódicos tais como entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz etc.

Quanto à posição dos MCs no enunciado, Marcuschi (1989) afirma que não existe um posicionamento fixo, pois é possível a ocorrência do MCs tanto no início, no meio ou no fim da cadeia sintagmática do discurso. Galembek e Carvalho (1997) classificam os marcadores segundo a posição no turno de fala. Segue:

- 1) Iniciais: não, mas, acho que, não é assim. Caracterizam o início ou a tomada de turno.
- 2) Mediais: né?, sabe?, entende?, advérbios, conjunções, alongamentos. Responsáveis pelo alongamento do turno.
- 3) Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa. Assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

Urbano (1999) assinala:

a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos. Assim, marcadores como Bom e Bem costumam iniciar turnos, enquanto outros como sabe? e certo? costumam encerrá-los. (p. 90).

Análise dos Dados

Analisamos um excerto do *corpus* do NURC – Norma Urbana Culta – extraído da internet. Consiste em um diálogo entre dois informantes: (i) 63 anos, sexo masculino e (ii) 54 anos, sexo masculino. Nesta análise, vamos considerar as funções conversacionais.

Dentre as funções conversacionais, já distinguimos, acima, entre: sinais produzidos pelo falante e sinais produzidos pelo ouvinte. Salientamos que os papéis de falante e ouvinte são flexíveis, isto é, ora um é falante, ora o outro, ora um é ouvinte, ora o outro. Isso se deve ao caráter simétrico do diálogo.

A seguir, vamos ilustrar com trechos do diálogo em análise as diferentes funções conversacionais com base em Marcuschi (1986).

(i) Sinais produzidos pelo falante:

- Sustentação de turno: “*Então...*” o falante usa o MC *então* para manter o turno e dar continuidade a sua fala.

- Preenchimento de pausa: “*(...) e a evolução na escala social produz, eh... graves problemas sociais.*” O *eh* é empregado no preenchimento de pausa.

- Organização de pensamento: “*Mas o que eu quero dizer é o seguinte: a faixa, pra ser atingida uma determinada faixa, um nível cultural...*” O locutor faz uma prévia informativa a respeito do seu desejo de dizer algo e, nesse tempo, organiza sua fala.

- Autocorreção: “*Mas falta o elemento intermediário, quer dizer, é aquele que fica entre o operário e o engenheiro. Quer dizer, o mestre qualificado, aquilo que a gente encontra em... com facilidade...*” O falante reformula sua fala, esclarece. O uso do *quer dizer* atua como um marcador dessa autocorreção.

- Reorganização e reorientação do discurso: “*Mais escolas técnicas, ou melhor, que o ensino seja orientado como atu... como atualmente, aliás, está sendo*”. O MC *ou melhor* ilustra o processo de reformulação da fala, a inserção de um novo ponto de vista.

- Interação: “*é mais no sentido dos técnicos de grau médio, né?*” Cobra a colaboração do outro; “*Ele vai ser um engenheiro medíocre, não é? Mas vai ser engenheiro*”. Assim como o *né*, o *não é* pede a atenção do seu interlocutor; “*Olha, eu me lembro, eu fiz uma pesquisa de mercado justamente aqui no... no... ao longo de todo o Estado do Rio e... nesses outros municípios limítrofes com o Estado do Rio justamente para tomar o mercado da Light*”. O *olha* atua da mesma forma, requisitando a atenção do interlocutor.

- Opinião: “*Mas eu acho que a deficiência de técnicos no Brasil...*” *Eu acho* ilustra a intenção do falante de inserir sua opinião.

-Argumentação: “*por outro lado é preciso que essa gente que não consegue e não deseja tenha uma certa é*”. O uso de *por outro lado* remete a inclusão de um novo argumento.

-Conclusivo: “*...e portanto a gente tem que ver a coisa com a realidade*”. O falante, ao usar o *portanto*, já delimita o aspecto conclusivo de sua fala.

(ii) Sinais produzidos pelo ouvinte:

- Concordância: “*Bom. Concordo com você*”. O MC no início do turno ilustra a concordância exposta em seguida.

- Discordância: “*Mas... não acha que isso redundaria na mesma situação atual em que o número de engenheiros...*” O ouvinte discorda e usa o *mas* para inserir um novo argumento; “*Não... um instantinho... não... eu vou te dizer lá porque sobre isso eu conheço a fundo, não*”. Da mesma forma, o *não* atua como indicativo de discordância do dito anterior.

Considerações Finais

Conhecemos a fala, com seu caráter dialógico, a qual mantém seus usuários em presença e é de domínio – e uso – de todos os indivíduos, independente do contexto sociocultural. Nela há

um intenso uso dos marcadores conversacionais, os quais têm caráter denunciante da simultaneidade da fala. Além disso, atuam, pois, como elo no processo comunicativo, desempenhando diversas funções e papéis, sendo indispensável ao processo de construção dos discursos.

Observamos, pois, que os marcadores conversacionais possuem funções diferentes dentro do discurso do locutor e interlocutor e, também, que as posições do indivíduo são flexíveis em diálogos simétricos, como o que utilizamos neste estudo.

Dentre os sinais produzidos pelo falante, salientamos as funções de sustentação de turno, preenchimento de pausa, organização de pensamento, autocorreção, reorganização e reorientação do discurso, opinião, argumentação e conclusão. Enquanto nos sinais produzidos pelo ouvinte, as funções de concordância e discordância.

Contudo, concluímos que este é um tema de extrema amplitude, impossível de ser esmiuçado em um pequeno estudo. É sugestão, portanto, para pesquisas posteriores.

Referências

- CAMPOS, O. G. L. A de S. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, S. E. *Estudos gramaticais*. Ano III. n. I. Araraquara: Unesp, 1989.
- CASTILHO, Ataliba. *A Língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- GORSKI, Edair; et al. *Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização*. In: C. Roncarati; J. Abraçado (orgs.). 2003
- MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Análise Sociolingüística de alguns marcadores conversacionais In: A.T. Macedo; C. Roncarati; M. C. Mollica. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos*. In: Maria Helena de M. Neves. (org.). 1999.
- VALLE, Carla Regina Martins. *(SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?)*: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.
- VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Langues ET Linguistique*, n. 19, 1993.

Recebido em 08/2014.

Aceito em 09/2014.